



Alberto Tridente: dez anos após sua morte, a atualidade de um incansável metalúrgico que cria fábulas

Dez anos se passaram desde a morte de **Alberto Tridente**, figura “mítica” de nossa organização e do sindicalismo em nível global.

Neste estranho e complicado 2022, Alberto teria acabado de completar noventa anos.

Em vez disso, nos encontramos lembrando os dez anos de separação de um amigo e dirigente que foi sindicalista toda a vida, apesar de já ter ocupado outros cargos na década de 1980 e explorado outros mundos.

Temos no coração os olhos curiosos e luminosos de Alberto, aqueles olhos que estão imortalizados no início de sua bela autobiografia (Dalla parte dei diritti. Settanta anni di Lotta, Rosenberg & Sellier, 2011), em uma foto em preto e branco, de quando ele tinha dois anos. Ter uma memória viva de sua figura tão atual e peculiar, é importante, especialmente para as novas gerações de militantes da FIM que não o conheceram diretamente.

Nascido em 29 de junho de 1932 em Venaria Reale, perto de Turim, de uma família muito pobre de origem da Região Puglia, órfão de seu pai aos dez anos de idade, após a terceira série ele teve que deixar a escola para trabalhar.

Aos treze anos já era metalúrgico, mas continuou a estudar em escolas noturnas. Muito jovem, mesmo vindo de família socialista, matriculou-se na CGIL Livre e depois na CISL. De fato, sua primeira filiação a FIM tem a data de quando ele tinha dezenove anos, um ano após a fundação de nossa organização.

Contratado na Fiat em 1955, alguns anos depois Alberto passou a fazer parte do grande investimento de formação da CISL das origens, sendo selecionado em 1957 para o "Curso Longo" no **Centro Studi em Florença**. Uma experiência vivida no momento em que Giulio Pastore, fundador da CISL, se empenhou, fortemente apoiado por ele, em combater a deriva corporativa da FIM de Turim na Fiat.

Para aqueles que, como Alberto, tiveram que limitar severamente sua propensão ao estudo, as colinas de Fiesole (Firenze) foram uma oportunidade fundamental, por um lado, para recuperar pedaços da cultura geral e, por outro, para aprender plenamente as ideias-forças do novo sindicato.

Sabe-se que ele foi um dos alunos a quem o então diretor Vincenzo Saba, braço direito de Mario Romani, permaneceu mais ligado, mesmo décadas depois.

Depois de alguns anos que não foram fáceis para ele, Alberto se tornou um dos protagonistas da “nova FIM” que, com o impulso de Pierre Carniti, foi se afirmando nos centros industriais mais importantes, incluindo Turim, é claro.

Foi eleito na executiva da FIM de Turim em 1961, um ano antes do importante congresso nacional de Bergamo que sancionou a plena afirmação do grupo liderado por Carniti e Macario e do impulso inovador da FIM, orientado sobretudo para a difusão da contratação articulada e a plena construção da autonomia sindical.

É importante lembrar um fato aparentemente menor que explica muito sobre Alberto: quando, em 1964, por proposta de Carlo Donat Cattin, ele se tornou representante dos trabalhadores na Câmara de Comercio de Turim, foi o primeiro sindicalista a recusar a remuneração relativa ao cargo e a alocá-la ao fundo de solidariedade da CISL da capital piemontesa.

Após a primeira metade dos anos sessenta, um novo capítulo importante se abriu para ele: o compromisso sindical internacional, primeiro com uma viagem de estudos aos Estados Unidos e depois, enviado por Macario e pela FIM, em maio de 1968 a Paris, no culmine da explosão da revolta estudantil.

O compromisso internacionalista de Tridente tornou-se seu grande compromisso sindical e sempre esteve próximo da ideia contratual aprendida no Centro Studi e nas contratações e negociações a nível de empresa: pense-se, por exemplo, na atuação sindical em empresas multinacionais, começando obviamente pelas do setor automotivo.

Entre os protagonistas da importantíssima **rodada contratual de 1969, Tridente entrou na executiva nacional da FIM** em 1971, dois anos depois do contrato “do outono quente”, compartilhando essa experiência inesquecível com Pier Carniti, Pippo Morelli, Franco Bentivogli, Rino Caviglioli, Alberto Gavioli.

Foram momentos emocionantes, mas também contraditórios na história do sindicalismo italiano.

Como se sabe, a FIM realizou seu congresso de dissolução em 1972, para dar vida a FLM unitária. Mas a FIM não foi seguida pela FIOM, devido à oposição do PCI.

Com o nascimento, em 1973, da FLM unitária, Tridente, que anteriormente era o responsável do setor automotivo, tornou-se o chefe do imponente Escritório Internacional da Federação Unitária. Seu compromisso em nível global é quase lendário: uma ação excepcional, incansável e muito sólida. Apenas alguns flashes: a mobilização pelo Chile após o golpe de 1973, a ação corajosa e constante de apoio ao sindicato livre nos últimos anos do franquismo na Espanha, o encontro decisivo com o Brasil e com um líder que se tornará **seu grande amigo: o metalúrgico e futuro Presidente Luis Inacio Lula da Silva**.

A segunda parte de sua autobiografia intitula-se: não surpreendentemente: "Minha pátria é o mundo inteiro".

Fica aqui uma mensagem que, dez anos após a morte de Alberto, é importante lembrar para toda a FIM, especialmente para os dirigentes mais novos: saber viver, coerentemente, um ideal internacionalista, que sabe ser visionário, mas nunca irrealista, um ideal fortemente antecipatório e ancorado na melhor tradição *contratualista* da CISL e da FIM, aberto a contaminações positivas e a uma identidade de relação e em constante construção.

Alberto também estava entre os organizadores do encontro "clandestino" em Roma entre Lula e Lech Walesa, animador do nascente *Solidariedade* na Polônia.

A intuição sindical muito importante de Tridente também tem uma **dimensão organizacional**: não basta a solidariedade internacional entre os sindicatos, é preciso promover a coordenação entre

os trabalhadores em nível global, nas cadeias produtivas, nas multinacionais, como nas cadeias de suprimentos, valorizando também a dimensão europeia e global do sindicato de categoria. Tudo isso deve ser alcançado também com ferramentas que conectam trabalhadores e cidadãos: basta pensar na grandiosa operação de boicote organizada ao comércio chileno de cobre e pela promoção de uma cultura de paz no mundo do trabalho, a partir dos delegados sindicais.

A **partir de 1984**, após os seus mandatos sindicais, Alberto continuará o seu empenho também a nível político, como deputado regional e europeu, mas sobretudo como um incansável promotor, não só da solidariedade internacional, mas da cooperação comunitária descentralizada, onde a ação das instituições, funde-se com a da sociedade civil.

Com sua autobiografia, que seria muito importante para os jovens e líderes sindicais lerem, Alberto nos deixou um belo testemunho, um olhar único e multifacetado sobre as transformações do trabalho e da sociedade em nível global durante boa parte do século XX.

São muitas as imagens e narrativas de um texto que se alimenta **do empenho incansável de Tridente** em salvaguardar os direitos humanos e trabalhistas em países sem democracia, sejam eles o Chile sob Pinochet ou a Hungria sob o agonizante socialismo real, a Guatemala de Rigoberta Menchú ou o Salvador de Monsenhor Romero e de Marinella Garcia Villas.

Mas há uma imagem do livro e de sua vida que nos impressiona muito e que queremos lembrar a todos os dirigentes e filiados da FIM, tomando-a da revista "Via Po", inserção cultural do jornal Conquiste del Lavoro

"É outubro de 1988, os últimos resquícios do regime Pinochet. Realiza-se em Santiago o referendo que sancionará o lento abandono do poder por parte do ditador que ainda está na sela com todo o seu aparato militar repressivo.

Alberto está lá, na Conferência Internacional pela Democracia no Chile. Mas ele não está no palco, não está fazendo um discurso, não está costurando contatos. Ele está bloqueando os elevadores.

Sim, porque, ainda que por alguns instantes, Luis Gastavino, um expoente da esquerda chilena procurado pela policia e clandestino, trará sua saudação rápida à conferência. Alberto, como eurodeputado, está entre as pessoas que conseguem agir como barreira com o próprio corpo e impedir a prisão do ativista que, tirando o disfarce, proferirá palavras muito breves de desejo e esperança pelo retorno da democracia e depois desaparecerá no ar, até o dia em que pude sair do esconderijo. Alberto Tridente era isso: uma grande personalidade, um homem que sabia se expressar não só na arena pública, mas também no silêncio das escaladas alpinas, que sabia quando falar e dirigir uma assembleia, uma greve, uma luta por reivindicações, mas também ser fragmento de um arquipélago coletivo e solidário de compromisso, militância e gratuidade".

Alberto, não só metaforicamente, foi um brilhante alpinista e alpinista até a velhice, foi um escritor, mas, acima de tudo, um "realizador" de fabulas.

Um viajante que soube se alimentar e hoje pode nos alimentar, como diria Eduardo Galeano, com a concretude cotidiana da utopia.

A Federação Italiana dos Metalúrgicos da CISL lembra dele com gratidão e carinho e jamais esquecerá seu legado e sua carga inspiradora e mobilizadora.

23 de julho de 2022

FIM CISL NAZIONALE